

EXISTÊNCIA NA DIMENSÃO DE *PATHOS* EM KIERKEGAARD: O CONCEITO DE PAIXÃO (*PATHOS*)

Valdinei Caes¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o conceito de paixão (*pathos*) na filosofia de Kierkegaard, seu significado e a recepção que o pensador dinamarquês fez desta palavra no interior da sua filosofia. Para esta análise, o conceito de *Erlebnis* torna-se particularmente caro, em decorrência de sua tríplice significação: a) a imediatez (*Unmittelbarkeit*) entre homem e mundo; b) a significabilidade (*Bedeutsamkeit*) para o caráter global da existência; e c) a incomensurabilidade (*Inkommensurabilität*) do conteúdo da própria vivência. A tríplice significação de *Erlebnis* implica na sua estreita associação a *pathos*.

Palavras-Chave: Existência, *Erlebnis*, *Pathos*.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the concept of passion (*pathos*) in the philosophy of Kierkegaard, its meaning and the reception that the Danish thinker made that word within their philosophy. For this analysis, the concept of *Erlebnis* becomes particularly expensive due to its triple meaning: a) the immediacy (*Unmittelbarkeit*) between man and world, b) the meaningfulness (*Bedeutsamkeit*) to the global nature of existence, and c) incommensurability (*Inkommensurabilität*) the content of their own experiences. The significance of triple *Erlebnis* imply its close association with *pathos*.

Key words: Existence, *Erlebnis*, *Pathos*.

¹ Mestrando em Filosofia pela PUC/PR. Especialista em Cultura e Meios de Comunicação pela SEPAC-PUC/SP - E-mail: filcaes@yahoo.com.br.

O que aqui nos propomos é fazer uma caracterização no que se refere à *pathos*, que se trata, entretanto, de um termo caro ao pensamento de Kierkegaard. Compreendê-lo, da melhor forma possível, torna-se categórico para legitimar nossa interpretação acerca da *existência na dimensão de pathos em Kierkegaard*. A caracterização do termo em questão, em nossa perspectiva, não pode ser dissociada da noção de *Erlebnis*. Haja vista que a *Erlebnis* se caracteriza como tal exatamente pela ausência do *logos*.

Antes de tratarmos acerca da tríplice significação de *Erlebnis* e como ela se encontra estreitamente associada *pathos*, se faz necessário destacar que a noção de *pathos* que pretendemos analisar, não se refere pura e simplesmente à *paixão*, constatemente presente no *Diário de um sedutor*. A paixão à qual *Johannes o Sedutor* (Cf. GOUVÊA, 2006, p. 310), frequentemente se refere diz respeito propriamente ao *desejo*, sendo, todavia, usado em seu aspecto muito mais romanceado do termo, que não expressa à riqueza do que vem a ser *pathos*, no sentido rigoroso do termo.

A paixão, segundo *Johannes o Sedutor*, não se trata da mesma paixão de *Johannes de Silentio*, expressa ao longo das páginas de *Temor e Tremor*, assim como não é também a paixão segundo *João Climacus*, em *Migalhas Filosóficas* e no *Postscriptum*. A paixão a que se refere *Johannes de Silentio* em *Temor e Tremor* assemelha-se a noção de paixão enquanto *pathos* empregada por *Johannes Climacus*. Em ambas as obras, trata-se de um perdulário de vida em sua dimensão mais profunda, ou seja, *pathetica*, em que o humano em questão depara-se com as condições limites da existência, onde o terreno em que se encontra não lhe dá segurança alguma, ao invés disso, a circunstância pela qual ele se encontra tomado, envolvido, retira-lhe tudo o que possa proporcionar-lhe condições favoráveis ou confortáveis para tomar qualquer atitude. Sem absolutamente nada que dê segurança ou suporte para assumir qualquer atitude, resta ao homem *sentir na pele*, isto é, *padeecer, sofrer*, ou melhor, vivenciar. Isto, como veremos posteriormente, nos dará a possibilidade de afirmar que *Erlebnis* implica em um estreito vínculo com a noção de *pathos*.

Mas voltemos de modo específico ao *Diário*, que para Valls (2000, p. 56), tem como foco a reflexão, porque o *Sedutor* não é um sujeito qualquer, ele é: “O Sedutor refletido’, o sedutor intensivo”. Diante desse aspecto, ressaltamos que a paixão expressa nas páginas do *Diário de um sedutor*, segundo *Johannes o Sedutor*, é a “paixão” que o amado “sente” pela amada, o desejo de conquistá-la todos os dias, como se cada dia fosse o primeiro dia da conquista, até que a conquista aconteça de fato. Enquanto essa conquista não se concretiza, a ausência e a distância da amada, neste caso, Cordélia, o faz constantemente desejá-la.

A própria epígrafe do *Diário* nos apresenta, ainda que de modo introdutório, a temática da paixão em seu sentido mais ordinário, sensual, como podemos observar, nas seguintes palavras: “Sua paixão predominante / é a jovem debutante” (KIERKEGAARD, 1979, p. 3). Por essas palavras, percebemos que há um jogo de sedução em questão, em que a beleza juvenil encanta e desperta o desejo no *Sedutor*. Nesse sentido, Segundo Valls (2000, p. 48), “o olhar do *Sedutor* percebe a jovem antes que ela o perceba: assim, ela se torna desde o início o seu objeto, o objeto de seu olhar, de seu desejo, de sua arte, de suas artimanhas, de suas maquinações, de sua tática, de sua estratégia”, em síntese, de sua intencional racionalidade. Tendo o *Sedutor*, uma vez conquistado o objeto de seu desejo, o mesmo, imediatamente deixa de ser desejado.

Johannes o Sedutor, nesse sentido, assemelha-se a *Don Giovanni*, que, “nem bem seduziu uma [jovem – grifo nosso] e já está imaginando a próxima aventura, sem estar propriamente aí” (KIERKEGAARD, 1979, p. 57). A conquista encerra o desejo do *Sedutor*. O *Sedutor* quer sempre conquistar, por isso, jamais se deixa levar pelo encanto alheio (Cf. VALLS, 2000, p. 47-65), ou seja, seduzir-se. Como ele não se deixa seduzir, nem sequer podemos dizer que ele vive no tempo presente da conquista, isto é, quando a conquista acontece. Tudo para o *Sedutor* já tinha sido pensado.

Se por um lado, o *Sedutor* apresenta certa semelhança com *Don Giovanni*, por seu compromisso com o fugaz e o efêmero, por outro lado, segundo nossa análise, ele é totalmente distinto de *Fausto*. Este – *Fausto* –, para Valls, é “um doutor, acostumado à vida do espírito, cansado de uma vida inteira dedicada à reflexão, quer de uma vez por todas experimentar a vida no que ela tem de espontâneo, de natural, de apaixonante” (VALLS, 2000, p. 58), diríamos ainda, de *pathetico*. *Fausto* quer deixar a vida impor-se, almeja sentir o que vem a ser a ‘vida ali onde ela pulsa com a máxima intensidade’, enquanto *Don Giovanni* quer controlar os acontecimentos nos quais se vê envolvido, assim como *Johannes o Sedutor*. E nisso, não há absolutamente nada de *pathetico*, precisamente por se tratar de algo racionalizado, refletido, pensado, por fim, sistematizado. E em conformidade com este aspecto que acabamos de destacar, Valls afirma que *Johannes* sofria de “um problema de excesso de cerebralização”, isto é, de racionalização. “Ele seduz, sim, porém, metodicamente” (VALLS, 2000, p. 59). Isso, definitivamente, não se trata de *pathos*, de acordo com nossa análise, porque o *Sedutor* pensa demais, e assim, mantém-se afastado da existência pelo pensar. Mas, avancemos em nossa interpretação analítica.

Em se tratando de conquistas, *Johannes o Sedutor*, era virtuoso nesse assunto, era *extraordinariamente sedutor e fascinante*, era também demasiado intelectual para que pudesse ser um sedutor, no sentido vulgar do termo, pois ele sabia conquistar o objeto de seu desejo e “com o auxílio dos seus dotes espirituais, sabia tentar uma jovem, sabia atraí-la a si, sem se preocupar com possuí-la, no sentido literal do termo...” (VALLS, 2000, p. 30). Não se trata de uma conquista para possuir a “amada” em si. Para além disso, trata-se de uma conquista para “possuí-la na sua liberdade” (VALLS, 2000, p. 122); trata-se de uma conquista em que a suposta amada, por paixão ao seu conquistador, torna-se capaz de abrir mão de seus compromissos e seguranças para se juntar ao seu suposto bem-amado. Isto é ilusão, pois, quando este percebe que ela tornara-se capaz de sacrificar suas certezas para se unirem, as coisas tomam uma direção que ela não esperava. Ele a surpreende. O *sedutor* premeditava tudo, enquanto o objeto de seu desejo acreditava que tudo aquilo era verdade, quando na realidade não era, tratava-se de uma “paixão racional”, se é que podemos falar assim, ou seja, tudo era pensado de forma meticulosa para atingir um fim específico: simplesmente a conquista de sua liberdade – de Cordélia –. Como tudo era racionalizado, *Johannes* “saberia conduzi-la ao ponto culminante em que tinha a certeza de ser ela capaz de tudo lhe sacrificar” (VALLS, 2000, p. 30), por amá-lo acima de tudo.

Johannes exercia controle sobre “sua paixão predominante” e por isso, faltava-lhe a dimensão do *sentir*, do *sofrer*. A racionalização meticulosa frente àquilo que desejava conquistar não lhe permitia *sentir na pele* o que de fato expressa *pathos*. Por não *sentir na pele*, ele se tornava capaz de perceber que:

Tendo as coisas sido conduzidas até esse ponto, tudo rompia sem que, pelo seu lado, tivesse havido a menor constância, sem que uma

só palavra de amor houvesse sido pronunciada e, muito menos, uma declaração de amor, uma promessa. No entanto, algo ficara impresso nela, como uma marca. (VALLS, 2000, p. 30).

Essa questão pode ser mais bem compreendida a partir das cartas que Cordélia enviara à *Johannes* após o rompimento repentino, às vésperas da oficialização do compromisso amoroso; mas, mal sabia ela que tudo não passa apenas de um flerte, cujo escopo era a conquista e em seguida o abandono, por parte de *Johannes*. Em uma de suas cartas, Cordélia afirma:

Johannes! Não te chamarei “meu” Johannes, pois sei bem que nunca o foste; bem punida estou por ter permitido à minha alma que se deleitasse nesse pensamento; e, contudo, chamo-te meu; meu sedutor, meu enganador, meu inimigo, meu assassino, autor do meu infortúnio, túmulo da minha alegria, abismo da minha infelicidade. Chamo-te meu e a mim chamo tua, e tal como outrora te lisonjeava ouvi-lo, a ti que orgulhosamente te inclinaste para me adorar, deve agora soar como uma maldição lançada sobre ti, uma maldição para toda a eternidade. Não te regozijes com o pensamento de ter eu a intenção de te perseguir, de me armar com um punhal para excitar a tua troça! Mas, para onde quer que fujas, ainda assim sou tua; vai até o fim do mundo, ainda assim serei tua; dá o teu amor a centenas de outras, ainda assim sou tua; sim, mesmo à hora da morte serei ainda tua. A própria linguagem de que me sirvo contra ti deverá provar-te que sou tua. Tiveste a audácia de iludir um ser tão completamente que tudo te tornaste para esse ser, para mim, e que terei o mais infinito prazer em me tornar tua escrava — pertenço-te, sou tua, tua maldição. Tua Cordélia. (KIERKEGAARD, 1979, p. 37).

Observamos a partir dessa carta que Cordélia, depois que tudo já tinha sido rompido, percebe que *Johannes* não passava de um “sedutor”, um “enganador”. Em outros termos, todas as palavras usadas para conquistá-la não eram reflexos de um sentimento verdadeiro, mas se tratava de artifícios para uma conquista, mediante o auxílio de dotes espirituais, sem necessariamente a preocupação e o interesse em possuí-la.

Quando Cordélia percebe esse elemento na relação, isto é, que tudo não passava do uso engenhoso das palavras com o intuito apenas de conquista, já era tarde de mais, pois um sentimento incontrolável já havia invadido suas entranhas e dele ela não se tornava capaz de se libertar. Por essa razão, ela lhe dizia: “Chamo-te meu... meu sedutor, meu enganador, meu inimigo, meu assassino, autor do meu infortúnio, túmulo da minha alegria, abismo da minha infelicidade” (KIERKEGAARD, 1979, p. 37). Ela ainda continua em meio à frustração: “Chamo-te meu e a mim chamo tua, e tal como outrora te lisonjeava ouvi-lo, a ti que orgulhosamente te inclinaste para me adorar, deve agora soar como uma maldição lançada sobre ti, uma maldição para toda a eternidade” (KIERKEGAARD, 1979, p. 37).

Mesmo sabendo que o *Sedutor* era alguém que não queria assumir compromissos ou vínculos duradouros, pois tudo para ele era efêmero e não passava de um flerte como qualquer outro, corriqueiro, Cordélia não podia deixar de admitir que houvesse sido iludida por *Johannes*, como refletem suas próprias palavras de frustração: “Tiveste a audácia de iludir um ser tão completamente que tudo te tornaste para esse ser, para mim, e que terei o mais infinito prazer em me tornar tua escrava - pertenço-te, sou tua” (KIERKEGAARD, 1979, p. 37).

Acreditamos que a frustração de Cordélia, possa ser equiparada a de Alcebíades, nas palavras de Valls: “A frustração atestada por Alcebíades não se deve exclusivamente a ele, mas principalmente a Sócrates e à sua maneira de amar, ou de não amar, ou de fingir que amava e então de repente querer ser amado, maneira que tem decerto algo de extraordinariamente sedutor e fascinante” (VALLS, 2000, p. 65-77). Se aplicarmos a frustração de Alcebíades em relação a Sócrates, à frustração de Cordélia em relação à *Johannes o Sedutor*, diríamos que ficaria assim, em outras palavras: A frustração atestada por Cordélia não se deve exclusivamente a ela, mas principalmente a *Johannes o Sedutor*, e à sua maneira de amar, ou de não amar, ou de fingir que amava e então de repente querer ser amado, maneira que tem decerto algo de extraordinariamente sedutor e fascinante.

Como estamos tentando demonstrar, a paixão expressa ao longo de todas as páginas de *Diário de um Sedutor*, com *Johannes o Sedutor*, personagem-autor, não se refere à existência vivida em sua dimensão de *pathos*. *Johannes o Sedutor* racionalizava, pensava acuradamente antes de agir e escolhia especificamente o objeto de sua conquista, sem se permitir envolver sentimentalmente ou ser tomado por qualquer espécie de força desconhecida que o dominasse. Ele está essencialmente no âmbito da racionalização e distante de qualquer vivência, a exemplo de *Erlebnis*. *Johannes* está pseudo-intencionalmente tomado pela paixão, a fim de conquistar Cordélia. Isso, em nossa interpretação, não corresponde, assim como não expressa a riqueza do que vem a ser *pathos*. *Pathos* está para além da racionalização e da intencionalidade, bem como da possibilidade de se exercer um controle sobre esse impor-se do mundo ao homem, o que depois vamos designar de existência.

Que se compreenda desde logo, pois, que a paixão à qual nos deparamos no interior do *Diário de um Sedutor* não abrange e nem sequer esgota a totalidade de *pathos*. A paixão de *Johannes o Sedutor*, para existir necessita de alguém, enquanto *pathos* diz respeito a um acontecimento indiferente à vontade, à racionalidade e ao desejo, por se tratar do irromper do mundo sobre o homem, logo, da travessia e da vivência de algo.

Como dissemos acima, a noção de *pathos* que nos propomos fazer a caracterização não deve ser dissociada de *Erlebnis*. Mas então podemos nos perguntar, em que medida a noção de *Erlebnis* se relaciona com a noção de *pathos*? Ou, o que há de tão específico na *Erlebnis* que implica um estreito vínculo com a noção de *pathos*?

Antes de respondermos essas ou está pergunta em seu desdobramento é decisivo ressaltar que o termo *pathos* deriva do grego πάσχειν, que por sua vez, trata-se fundamentalmente de uma vivência complexa, profunda e lenta de algo, ou melhor, é a travessia de algo. Isso não quer dizer que *pathos* significa apenas *paixão*, *afeto* e *desejo*, mas no grego ele está tanto para *Erlebnis* como também para *destino*. O significado etimológico da palavra *pathos* está em plena sintonia com *Erlebnis*, no rigoroso sentido de ser um termo que não é, de antemão, sistematizado pela razão. É nessa perspectiva que *pathos* será empregado, ou seja, como algo que está para além da sistematização da razão, por se caracterizar como vivência. *Pathos* é, portanto, segundo Viesenteiner (2009, p. 167), o que não contém qualquer mediação, pois se trata do incomensurável, inapreensível em uma situação, sobre o qual, em condições limítrofes da existência, o pensamento não tem qualquer controle ou a possibilidade de exercer qualquer domínio.

Segundo Gouvêa (2009, p. 281), corroborando com nossa interpretação acerca da existência pensada em sua dimensão *pathetica*, *pathos* em Kierkegaard

implica em *sofrer* e, ao mesmo, tempo se agarrar àquilo que causa o sofrimento. Dito de outra maneira, *pathos* é aquilo que envolve o homem em sua totalidade, por se tratar de algo que ultrapassa em muito a racionalidade humana, é *e-moção*, ou como ainda afirma Gouvêa, trata-se de um movimento. Ousamos dizer mais, trata-se, por isso, de destino, sob o qual o homem não exerce nenhum domínio, porém, se o destino for apenas uma vez dominado, ou seja, controlado, deixa de ser o que é para se transformar em outra coisa e que, por essa razão, deve ser compreendido de outro modo. Esse outro modo de se compreender aquilo que deve ser compreendido de outra forma, não se detém na busca pela definição conceitual, pois para *Vigilius Haufiniensis*, uma definição constitui sempre uma leviandade pelo fato de abrir a possibilidade de não expressar aquilo que deve expressar.

Tendo em vista que devemos responder a indagação que há pouco formulamos, ou seja, em que medida a noção de *Erlebnis* se relaciona com a noção de *pathos*? Ou, o que há de tão específico na *Erlebnis* que implica em um estreito vínculo com a noção de *pathos*? Aliás, na realidade, as questões formuladas são duas, porém, teoricamente diríamos que se trata de uma única inquirição. Agora, julgamos adequado respondê-la. O elemento comum que podemos encontrar tanto na noção de *Erlebnis* quanto na noção de *pathos*, trata-se da impossibilidade da sistematização conceitual. Esse aspecto nos relembra as palavras de *Vigilius Haufiniensis*, n' *O Conceito de Angústia*, que expressam o seguinte:

Diante dos conceitos da existência, o abster-se das definições sempre mostra um tato seguro, porque é impossível que se possa inclinar-se a querer captar na forma da definição – com o que tão facilmente surge um estranhamento e o objeto se transforma em outra coisa: aquilo que essencialmente deve ser compreendido de outro modo, que a gente mesma compreendeu de modo diferente. Quem ama de verdade, dificilmente poderá encontrar prazer, satisfação, para dizer crescimento, em ocupar-se com uma definição do que é propriamente o amor ((KIERKEGAARD, 2010, p. 154).

Segundo Valls (2000, p. 73), e em conformidade com a *Dissertação de 1841*, essa *afetação* “parte do concreto e chega ao que há de mais abstrato, e lá onde a investigação deveria começar, ela termina”. Se parte, isto é, se tem início no concreto, em nossa perspectiva, trata-se de vivência, e se é vivência é *pathos*. Dessa forma, tanto a noção de *pathos* como a noção de *Erlebnis* colocam o homem no concreto da existência, em que lhe é permitido apenas vivenciar concretamente. Enquanto se vivencia concreta, enquanto se faz a travessia de algo, a vivência *pathetica* não abre espaço à suscetibilidade de sistematização conceitual. Isto, nas palavras de *Haufiniensis* é algo que não pode ser feito ou executado, porque é impossível que se possa inclinar-se a querer captar na forma da definição o que vem a ser *pathos*, pois, de antemão, trata-se acima de tudo de uma vivência.

Ambas as noções são análogas ao destino, e neste caso, uma vez conceitualizadas perdem o caráter de originalidade bem como de individualidade.

A radical individualidade das vivências, de modo que ‘elas são pra mim algo diferente do que são a você’, atuam alterando significativamente o contexto da vida. ‘Em homens profundos todas as vivências duram muito tempo’, ou seja, precisam queimar como madeira verde, num lento e gradual processo que se desdobra e modifica a própria vida, cujo significado remonta à intensidade que a *Erlebnis* representa ‘e não apenas ao conteúdo originalmente

experimentado como tal. O que denominamos de enfático na *Erlebnis* significa, pois, algo tão inesquecível e insubstituível que ela é fundamentalmente inesgotável para a determinação compreensiva de seu significado (VIESENTEINER, 2013, p. 10).

Logo, se conceitualizamos tanto a *Erlebnis* quanto *pathos*, deixam de ser originais e se tornam ordinárias, ou seja, habitual, comum, vulgar, aquilo que é de todos os dias ou frequente. *Erlebnis* e *pathos* não dizem respeito ao elementar, antes de tudo, referem-se às condições limites da existência e, portanto, distantes do que é vulgar. Enfim, para Viesenteiner:

Erlebnis implica em um estreito vínculo com a noção de *pathos*, ou seja, como contra-conceito da razão, bem como uma espécie de “conquista” de um excesso perdulário de vida que não é oriundo da sistematização teórica sobre uma certa forma de vida, mas se origina do solo mesmo da travessia existencial de uma vivência. *Pathos* e *Erlebnis* não são oposições, mas uma vivência é propriamente *pathos*, o padecimento da travessia através de uma vivência (VIESENTEINER, 2013, p. 5).

Erlebnis e *Pathos* estão intimamente unidas. Não há como pensar a noção de *pathos*, tomando-a no distanciamento de *Erlebnis*. Tanto *pathos* como a *Erlebnis* associam o homem à concretude da existência, sem quaisquer nexos racionais, de tal modo que tudo o que se vivencia é inteiramente obra do acaso, ou seja, completamente inconsciente e sem determinação racional de seu conteúdo. *Erlebnis* e *Pathos* escapam à sistematização teórica por se tratar ‘da travessia existencial de uma vivência’. De acordo com nossa análise e na compreensão do Prof. Viesenteiner:

Daí o porquê de *Erlebnis* e *pathos* estarem estreitamente vinculados: nunca estamos conceitualmente conscientes daquilo que nos acontece, quando estamos imediatamente na vida, ou seja, nunca somos conscientes do *pathos* da vivência quando ela ocorre, na medida em que se trata de um sentimento de simples padecimento. (VIESENTEINER, 2013, p. 13).

É nesse sentido que, como afirma Viesenteiner que “uma vivência é propriamente *pathos*” (VIESENTEINER, 2013, p. 5).

Em conformidade com nossa interpretação, acreditamos que Kierkegaard clama por uma vida autêntica, vivida intensamente. Essa necessidade de viver intensa e autenticamente a vida contribui para a caracterização da noção de *pathos*. Só uma vida vivida nessas circunstâncias, intensa e autenticamente traz consigo condições limites. E sob tais condições limítrofes, na compreensão de Viesenteiner, é que o pensamento perde a segurança e o domínio sobre si próprio e a ação não sofre a mediação de quaisquer anteparos moralizantes, que possam vir regrar o agir. É em condições limites que a existência permanece sempre reservada a nós, porém, sempre incompreensível. Onde não há autenticidade certamente também não existe *pathos*.

Diante do que expomos nas linhas acima, para legitimar nossa análise sobre a noção de *pathos*, vale lembrar nossa ênfase acerca da *paixão* de que trata o *Diário de um sedutor*, paixão esta que, nesse contexto, não expressa autenticidade por parte de *Johannes o Sedutor*; muito pelo contrário, *o Sedutor* é o protótipo de

inautenticidade. Eis, portanto, a razão pela qual paixão, nesse caso, não exprime a magnitude de *pathos*. *Johannes o Sedutor*, não sente efetivamente aquilo que tanto almeja, porém, apenas goza sua conquista intencional. O homem só pode *sentir na pele* ou *sofrer de algo* quando algo for verdadeiro e não necessariamente intencional ou livre de qualquer intenção premeditada.

Não se prepara para uma vivência assim como não se prepara para sentir uma paixão, no rigoroso sentido do termo, enquanto algo *pathetico*. Não é possível se preparar para sentir um grande amor. Aqueles que se julgam preparados para viver esse grande amor, e por isso, o esperam, certamente se tornarão aqueles que jamais viverão ou sentirão, de fato, o que é o amor. *Pathos*, longe da intencionalidade e da racionalização é imposição, logo, não há como prever ou se preparar para. Ousamos dizer ainda que *pathos*, justamente por essa razão, é destino. Uma vida mediocre é, igualmente, desprovida de *pathos*. Como já sabemos, *pathos*, não se trata de algo que possa comprar ou tomar por um instante de alguém, antes de tudo, é algo que se conquista mediante um perdulário de vida, mediante o *sentir na pele* sem se preparar para *sentir*. Trata-se, de antemão, do impor-se da vida ao homem. Eis a dimensão *pathetica* da existência.

Para concluir essa análise, ressaltamos que o termo em dinamarquês – *Lidenskab* – que se traduz por paixão no idioma português, do ponto de vista rigorosamente etimológico, deriva diretamente do grego *pathos*, entendido como aquilo de que o homem sofre, padece, sente e, por isso, trata-se daquilo que tende a transformar por completo a existência daquele que sente na pele o impor-se do mundo. Gouvêa, em sua obra: *A palavra e o silêncio*, ressalta que Kierkegaard fez uma distinção entre *pathos* (*Pathos*) e paixão (*Lidenskab*). Segundo ele, no corpus kierkegaardiano, paixão é sempre e indelevelmente conectada ao sofrimento, sacrifício, prova espiritual (*Anfaegtelse*), e martírio. Mas mesmo assim, Kierkegaard usa a palavra “paixão” em conexão com o grego *pathos*, ainda que ele designe sutilmente “paixão” (*Lidenskab*) “*pathos*” (*Pathos*). Para Kierkegaard, “*pathos*”, trata-se de algo semelhante a uma força selvagem, que para nós é fundamentalmente o impor-se do mundo sobre o homem, algo como uma força fervilhante que produz tudo e que transforma tudo, por se tratar de um padecimento atroz, logo, trata-se de uma vivência *pathetica*. *Johhanes Climacus*, expressa o que acabamos de salientar, ao afirmar que:

O verdadeiro *pathos* existencial se relaciona essencialmente com o existir, e o existir é em essência interioridade, e a ação da interioridade é o sofrimento [...] [*que – grifo nosso*] se converte, por assim dizer, em uma afecção de auto-transformação, e é por isso que o sofrimento é a mais grandiosa ação no mundo interior. [...]. A interioridade [...] compreende o sofrimento como algo essencial. (KIERKEGAARD, 2013, p. 436).

Não obstante, tanto *Lidenskab* quanto *pathos* implicam, para Kierkegaard, na análise de Gouvêa, padecer. Tal *pathos* envolve o homem em sua totalidade, isto é, muito mais do que apenas racionalidade humana, é sofrer na pele. Eis, então, o que vem a ser *pathos*: uma vivência; e a vivência se caracteriza como tal ao irromper do destino diante de cada indivíduo. Essa vivência tem apenas um lugar para acontecer, a saber, no mundo, isto é, na própria existência. Eis, portanto, a existência na dimensão de *pathos*. Diante do exposto, finalizamos nosso breve artigo, apropriando-nos das palavras de Kierkegaard (1979, p. 347), mais uma vez: “Não é reflexão que falta à nossa época, mas paixão”.

REFERÊNCIAS

GOUVÊA, R. Q. **A palavra e o silêncio**: Kierkegaard e a relação dialética entre a razão e a fé em temor e tremor. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 281.

KIERKEGAARD, S. A. **Diário de um sedutor; temor e tremor; doença para a morte**. [on-line] Trad.: Carlos Grifo, Maria J. Marinho; Adolfo C. Monteiro. In. Pensadores. São Paulo: Abril Cultural: 1979.

_____. **Postscriptum no científico y definitivo a migajas filosóficas**. Trad. Nassim B. Jordán. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2008, p. 436.

_____. **O conceito de angústia**. Trad. de Álvaro L. M. Valls. São Paulo: São Francisco: Vozes, 2010.

VALLS, A. L. M. **Entre Sócrates e Cristo** – ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard. Coleção: Filosofia – 113. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Experimento e vivência**: a dimensão da vida como *pathos*. Campinas, SP: [s. n.], 2009.

_____. **O conceito de vivência (erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção, 2013**.

_____. Kierkegaard: pensamento e existência como paixão. In: SGANZERLA, Anor (Org.) *et al.* **Natureza humana em movimento** – ensaios de antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 2012, p. 166.